

Vilma Arêas: a prosadora poeta

Modesto Carone

Quando Maria Betânia Amoroso me convidou para participar desta – mais que justa – homenagem a Vilma Arêas, aceitei logo. Na hora pensei em escrever sobre a personalidade no mínimo singular dessa querida amiga e colega de tantos anos e deixei que o filminho de vanguarda – o único possível – sobre ela começasse a rodar na minha cabeça. Foi uma coisa surpreendente: as relações de tempo, espaço, fluência e intensidade estavam totalmente embaralhadas, mas nítidas como nunca. Fiquei pensando que só ela seria capaz de uma coisa dessas, pois em momento algum forma e conteúdo se separavam, seja na visão viva da personagem, seja no tumulto do vai-e-vem de suas várias camadas.

Infelizmente não cabe aqui reproduzir a seqüência rasante dos fotogramas: fui informado a tempo que um dos meus colegas havia escolhido, antes de mim, falar sobre a pessoa e não sobre a obra – embora, do meu ponto de vista, pareça problemático avaliar uma sem ficar de olho na outra. *Isso porque Vilma Arêas só escreve a partir da experiência.*

Nesse sentido, por sinal, fica mais à mão imaginar que ela seja autora de si mesma, o que vale ora para a personagem, ora para aqueles que a conhecem por algum tempo. Assim não é preciso dar muita corda à memória e ao bom-senso para verificar que é uma coisa rara, muito rara, encontrar alguém tão à vontade com a autenticidade, a insubmissão, o destemor e a aversão sincera ao que há de retrógrado e insuportável no poder, na prepotência e na burocracia – seja onde for.

Repensando mentalmente nesses traços subtendidos de Vilma é que me vi frente a frente com as figuras *espoletas* do universo feminino dos filmes de Eric Rohmer – ou então, para não sair das nossas redondezas, da Emília de Monteiro Lobato bradando, num *insight* memorável da literatura brasileira, *Eu sou independência ou morte!*

Na contracorrente do texto cerrado dessa criatura com forte tendência ao anarquismo libertário existe, porém, a contrapartida de uma face terna e doce, que mal se mostra mas que está aí, lembrando muitas vezes o *molejo da mulher machucada* do poema de Vinícius de Moraes. Vistas as coisas desse ângulo, o que vem à tona é a sensibilidade da sensitiva do oeste, que carrega a dor da existência comum a todos (Graham Greene) e descobre a expressão literária afinadíssima da própria poesia, não importa se em prosa:

Cromo

O outono estende uma capa de toureiro sobre o muro. Ainda flutua ao sol. Dentro o crepúsculo, soprando para longe as folhas de vidro da varanda. As sombras crescendo macias e quentes como as cinzas da lareira. As cabeças estão juntas e a página brilha sob a luz. Na voz, o caroço de uma cereja passada boca a boca, molhada de saliva, e que bate nos dentes como uma tecla musical.¹

É evidente que a voz evocada sustenta esse eros etéreo a tal ponto que o leitor pode ser levado como um barco de papel pelo cortejo sonoro de frases lapidares, capazes de tecer o *chiaroscuro* do instantâneo – essencial, no seu frescor (a praia ao lado), como o célebre instante do *Fausto*: *...e eu digo ao instante: / Fique, fique, você é tão belo!*

Veja que nós nos referimos atrás a um *eros etéreo*, mas não é bem isso, embora o eco entre as palavras caiba no registro do poema. É só avaliar a quantidade de coisas concretas no campo de linhas exemplares, como outono, capa de toureiro, muro, sol, crepúsculo, folhas de vidro, varanda... O cromo feito de luz e sombra dentro e fora é perfeito, mas o que nele mais chama a atenção é o fecho inesperado: *o caroço de uma cereja passada de boca a boca, molhado de saliva, e que bate nos dentes como uma tecla musical.*

A imagem, realista, delicada e bastante sensual, se encaixa como uma luva no cenário recortado pela faca-só-lâmina de uma escritora inspirada, que só fala a partir da experiência. Ponto para ela.

Gottfried Benn dizia que o poeta tem que escrever seiscentos poemas para aproveitar no máximo meia dúzia. *Non è facile, non è facile ...* É óbvio que ser poeta também é uma questão de caráter. É o caso de Vilma Arêas, nossa homenageada.

Ainda assim... e aquele lance da abertura, na primeira linha, que afirma: *O outono estendeu sua capa de toureiro sobre o muro?*

É um mistério cintilante – *o desenho no tapete* (Henry James), que ninguém descobre qual é. Mesmo porque o enigma que perdura faz parte da obra-de-arte e garante sua posteridade.

Nota

1 In: *Trouxa frouxa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.78.